



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

## A EDUCAÇÃO DO INFANTE<sup>1</sup>

**Goetz, Luis Carlos<sup>2</sup>, Claudio Boeira Garcia<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> EMÍLIO ou da EDUCAÇÃO

<sup>2</sup> Luis Carlos Goetz. (luz\_goetz@hotmail.com) Aluno do Curso de graduação em Filosofia; Bolsista PIBIC/UNIJUI.

<sup>3</sup> Professor orientador

A educação segundo descreve Rousseau, é uma arte e um hábito, o qual quando cessa, volta-se ao que antes, era. E, a educação natural é aquela em que o infante necessita de maior cuidado que o adulto; Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação. (Emílio, 1979, p. 10) .

No início da vida, a construção da educação tem de estar alicerçada na própria criança incentivando-a a desenvolver suas potencialidades simultaneamente com o desenvolvimento interno de suas capacidades e não ir contra à natureza, pois, “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (Emílio, 1979, p. 09). Para que isso não ocorra deve-se estar em consonância com as três espécies de mestres pelas quais cada um de nós é formado, para que então, se desenvolva com liberdade e viva em consequência, pois, somente esse no qual as três espécies de mestres não se contrapondo, será bem educado! Na vida há essa constante educação que se realiza na inconstante interação do homem com o meio e as coisas, pois, desde o nascimento as crianças são afetadas pelas coisas externas a ela e o uso que se faz deles depende da orientação dispensada ao seu uso. Por isso, necessitamos de orientação externa que se dará com o preceptor e os três mestres dos quais somos formados. Sendo que no início da vida ter-se-á como primeiro e único preceptor, a mãe.

O primeiro mestre ou educação da natureza é considerado por Rousseau com seu início no nascimento até os dois anos de idade, correspondendo a uma vida puramente física, propiciando a autoformação da criança por meio de suas faculdades internas, os sentidos e órgãos vão se adaptando ao meio na medida em que este vai se desenvolvendo através da apreensão das coisas e, assim, se faz capaz de interagir e dele tomar conhecimento tendo-o como mundo real. Também é considerada para o autor a mais importante e cabe primordialmente à mulher , pois, do contrário o Criador das coisas teria dado ao homem, seios para amamentá-la. Essa educação deve ser negativa e, é a da natureza, não depende de nós, sendo que proporciona à formação da criança o desenvolvimento de seus órgãos, suas faculdades internas e para que se desenvolva depende dos instintos naturais da criança. É voltada para o esforço, deve evitar as más influências do meio, priorizando a formação da virtude. A natureza agindo livremente, o fortalecimento do corpo e seus músculos lhe será proporcionada, do mesmo modo que o desenvolvimento das faculdades internas do infante. A educação negativa consiste em preservar-lhe do erro e das amarras físicas. Essa fase é o momento da vida do ser humano em que a criança é totalmente dependente do adulto. Portanto sua infância deve ser respeitada.





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança. ‘Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro’ (p. 80).

Essa primeira infância consiste em educar a criança primeiramente para a vida humana. “Viver é o ofício que quero lhe ensinar” (p. 15). A criança deve ser educada para sua condição. A infância consiste em aprender a lidar com o corpo. Isso ocorre em toda a primeira fase da vida e tem a missão de proteger a criança do mundo quando a memória e as imaginações ainda estão inativas, sendo então, as sensações, seus primeiros meios de contato com o mundo externo a ela para formar seu conhecimento sobre as coisas. Eis o porquê se deve deixar a criança livre e sem amarras físicas desde o seu nascimento, pois, elas necessitam exercitar-se para poder sentir a vida fluir em seus membros. Nesta fase, para ela a força de seus membros é o poder que tem de si e que faz todo o sentido para o seu ser. “Viver não é respirar, é agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de suas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência (p. 16)”. É preciso preparar a criança para enfrentar as intempéries da vida não a privando, mas dando-lhe condições para se exercitar livremente e sem risco à sua integridade física. A criança nasce livre e é por assim dizer feliz. Não tem vícios e suas necessidades não vão além do que precisa para viver. “A educação natural deve tornar o homem adaptável a todas as condições humanas.” (p. 29).

Nessa primeira fase suas primeiras ideias são de império e servidão. O choro é sua primeira forma de comunicação com o mundo externo, é a linguagem primeira da criança. É através dessa linguagem exclusiva do choro que se é possível compreender o que e se a criança necessita. Aqui nos surge então, que ela já tem necessidades e as sabe expressar. Quando atendida, é seu império que prevalece, quando a castigam é escravidão que ela impõe aos que lhe prestam. A intervenção do preceptor que segundo o autor é o seu primeiro e deve ser o único nessa fase da vida – a mãe – e nesse momento é de extrema importância para que a criança seja atendida quando este choro seja por necessidade e jamais por dengo. Não raras vezes é castigada sem mesmo saber o porquê tão pouco o que significam essas palavras, império e escravidão, servidão ou castigo. Para a criança não tem nem faz pra ela qualquer sentido lições de moral. Se faz necessário encontrar soluções necessárias e úteis para as necessidades, pois, de nada adianta os longos discursos, os quais a elas sentido nenhum terá de forma que a fantasia não pertence à natureza da mesma. Nessa situação, é importante compreender que a criança aprende por exemplos os quais ela tende a imitar. A educação natural é a que, primeiramente, respeite a liberdade física, pois não há como ir contra a natureza humana, para posteriormente refletir sobre a educação moral. “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica” (p. 23).

O segundo período vai dos dois aos seis anos, se prolongando até os doze anos, e é aquele no qual a criança em contato com as coisas desenvolve seu caráter, tendo a intervenção do preceptor somente em situações extremas de forma a proporcionar que a criança se molde por si mesma. Essa educação, a dos homens é o conjunto do preceptor, família, sociedade e regras sociais impostas que implicam na formação e na preparação da criança para o convívio social. Considerado como o segundo mestre essa fase é compreendida dos dois aos quinze anos e é tida por Rousseau como a idade da força. Sendo o intervalo mais perigoso da vida humana, é o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los; quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las (p. 79). Junto com a força, desenvolve-se o conhecimento, que as põe em condições de dirigi-la. É nessa fase que propriamente começa a vida da criança; é então que ela toma consciência de si mesma. A memória amplia o sentimento da identidade para todos os momentos de sua existência; ele se torna verdadeiramente uno, o mesmo e, por conseguinte, já capaz de felicidade e de miséria. Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral (p.71-72).

A educação dos homens deve respeitar as etapas necessárias para o desenvolvimento individual de cada ser humano. Não se deve adiantar o processo de desenvolvimento no que cabe apenas à natureza. A educação do homem tem de estar de acordo com as necessidades da criança e em consonância com sua condição e lugar na natureza. A interferência externa se faz necessária, mas é necessário estar atento para que essas interferências não depravam as faculdades internas da criança, inibindo ou sufocando sua espontaneidade e liberdade. E sim, que permita sua construção autônoma e individual em cada fase de desenvolvimento.

O terceiro mestre e, por fim, a educação que vem das coisas, necessita dos objetos que possam afetar a sensibilidade da criança através da experiência. Aqui temos que tudo que está externo a criança terá de certa maneira uma forma de afetação, a qual poderá perdurar por toda a existência do indivíduo. Eis o porquê Rousseau de afirmar que a educação é uma arte, pois, como prever lições, ações, fatos e atos que entrarão em contato na formação da criança para que seja possível determinar os pensamentos que terá sobre os eventos que se lhe apresentam? Para assim poder o preceptor intervir de modo que o direcione para o bom entendimento. Esse momento é de grande importância pelo fato de que se começa a surgir o ser moral, ser que está se moldado ou sendo moldado pela sociedade, as instituições (escolas) enfim, a vida cosmopolita é que para Rousseau são as responsáveis por corromper e desnaturar o indivíduo.

As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julgue como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo (p.13).

Primeiro deve-se primar pela emoção, sentimento, pensamento e o amor pelo conhecimento; razão. Não apenas ensinar, mas dar o gosto em aprender. Quando o gosto já estiver esse será o princípio da boa educação.

Rousseau procura educar Emílio para que ele seja capaz de viver em sociedade e nesta convivência seja capaz de se posicionar descartando as opiniões, desenvolvendo assim suas paixões de tal modo que possa evitar os maus hábitos e virtudes civis. Seguindo seus pressupostos, é de se notar que as crianças assim educadas terão uma formação voltada ao seu desenvolvimento primeiramente humano. Se a educação que se dispense a mesma e os três ‘mestres’ estiverem em consonância, esta criança será bem educada de forma que não estará contra a natureza nem contra sua formação, atendendo o objetivo de sua construção. Sendo assim, tenderá a ser criança no tempo de ser criança e adulto no tempo de ser adulto. Não se correrá o risco de se ter crianças adultos e adultos infantis ou ‘irresponsáveis’. Torna-se necessário que se tenham todos os mesmos objetivos para se atingir os mesmos fins de modo que a criança vá sozinha a sua plena realização. “Somente esse é bem educado. (p. 10-11)”.



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

## Conclusão

Temos que Rousseau pensa o processo de formação da criança de modo independente. A criança deve aprender com sua própria experiência, sendo que o responsável por sua educação intervenha apenas nos momentos de risco à sua integridade física. Essa educação é decisiva na construção da criança enquanto sujeito humano e para isso a criança deve ser educada logo na infância para alcançar essa máxima, esse é um dos grandes passos que deve ser trabalhado logo na infância. A criança precisa ser respeitada em seu mundo e repensada principalmente quando abordamos a educação infantil. Assim, essa educação toma forma de um projeto para promover a essência da vida em sociedade com vistas a formar uma criança livre, autônoma, racional, patriota, comprometida com a sociedade onde está. Que não seja ou se permita corromper, que se respeite, respeite os outros em todas as dimensões, que seja ele mesmo em não sendo outro em sociedade e, sabendo separar isso, será membro atuante da sociedade. Sendo membro, será ativo, cumprirá seus deveres de cidadão, de homem consciente da realidade e dos problemas da vida civil, sendo capaz de separar o privado do social. Reconhecerá os hábitos e vícios bem como as mazelas que se lhe apresentarão na convivência com seus semelhantes. Assim, Emílio é um projeto político pedagógico e nele há uma pedagogia política, no qual o aluno ao nascer é de certa forma instruído para a realização do seu próprio projeto educacional que é o de formação de homem bem preparado para conviver com seus semelhantes e para que se realize há a qual fazem parte as lições do jovem Emílio que se tornará homem e cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.
- \_\_\_\_\_. Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. In: Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.
- \_\_\_\_\_. Emílio ou da Educação. Tradução Sérgio Milliet, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.